

sua mitologia (p. 127). (Aliás, é destacada a importância que o autor atribui aos mitos latino-americanos, como força nas lutas do povo). Várias implicações são retiradas dessa concepção de democracia, especialmente no que toca ao plano da igualdade, da autonomia organizativa, da inevitabilidade do processo conflitivo de solução dos interesses coletivos, da garantia da cidadania, da redução das desigualdades.

Como o título do livro de Silva Michelena sugere, a essência do que nele se contém é a associação da democracia como sistema político à concepção do desenvolvimento econômico. Nesse sentido, a definição de uma democracia orgânica passa pela discussão das alternativas de desenvolvimento e das alternativas ao desenvolvimento. Pois, como procura demonstrar o autor, ao modelo ocidental, à busca da ocidentalização, da assimilação de valores europeus e norte-americanos, pode-se contrapor a visão nativa latino-americana. A argumentação vale sobretudo para aquela parte do continente - como a região andina - em que são intensas as forças do indigenismo<sup>6</sup>. Mas é também valiosa e válida para as demais sociedades mestiças do continente - situação em que apenas não caberiam Argentina, Chile, Uruguai e Costa Rica. Na formulação, ou na "reflexão livre" de Silva Michelena, por isso mesmo, têm destaque elementos de análise ligados à cultura. Sua ênfase na "recuperação da identidade cultural" e na "desalienação" merece atenção, ao lado da abordagem mais política e econômica da problemática apresentada, aplicada no tratamento de questões como a da multinacionalização das empresas e da internacionalização do capital. Sem dúvida, Silva Michelena não escreveu um livro apressado. Ao contrário, sua argumentação é cuidadosa, equilibrada e busca respaldo em grandes nomes do pensamento social latino-americano - como os de Octavio Paz, Mariátegui, Prebisch, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Enzo Faletto, Leopoldo Zea. Além disso, a obra se afina com a tradição de pensar no continente de uma perspectiva humana que manifesta empatia em relação às "estirpes condenadas a cem anos de solidão". É, pois, leitura recomendada.

Clóvis Cavalcanti

Economista, Pesquisador Social da  
Fundação Joaquim Nabuco, Recife

Irene Tinker, *Street Foods: Testing Assumptions about Informal Sector Activity by Women and Men*. *Current Sociology*, revista da Associação Internacional de Sociologia, v. 35, nº 3, inverno 1987, pp. i-vii e 1-110.

O trabalho de Irene Tinker, publicado pela revista *Current Sociology*, ocupa um número inteiro do periódico da Associação Internacional de Sociologia

6 Cf. GALINDO, Alberto Flores *Buscando un Inca: Identidad y Utopía en los Andes* (Lima, Instituto de Apoyo Agrario, 1987)

(AIS), o 3, volume 35, correspondente ao inverno de 1987. Trata-se de interessantíssimo estudo sobre a venda de comida na rua em países do Terceiro Mundo, no qual se procura ver de que modo determinadas suposições sobre a natureza e o funcionamento do chamado setor informal são validadas ou não. O artigo preocupa-se especialmente em testar hipóteses teóricas sobre participação feminina na economia informal. Irene Tinker é uma cientista política que leciona na Escola de Serviço Internacional da Universidade Americana e na Universidade do Distrito de Colúmbia, ambas em Washington, Estados Unidos. Sua carreira profissional, porém, não inclui apenas atividades acadêmicas puras, uma vez que Irene Tinker fundou nos EUA dois centros ligados a questões da mulher, envolvendo pesquisa e ação, além de haver estabelecido o Equity Policy Center, para a promoção de políticas e programas de desenvolvimento para benefício de mulheres e homens pobres. Daí por que, no prefácio do artigo publicado em *Current Sociology*, ela se apressa em afirmar que, “se visamos entender a realidade, devemos estar abertos a idéias de várias perspectivas; devemos particularmente evitar distorcer o que nós vemos pelas teorias e hipóteses que guiam nossa pesquisa” (p. v). Tais observações são pertinentes, devido à tradição acadêmica de se permitir com frequência que a teoria triunfe sobre a realidade. No campo da pesquisa sobre problemas de emprego, por exemplo, a controvérsia no que concerne à concepção das atividades informais resulta em larga medida das tentativas de ajustamento dessas atividades e teorias prévias da economia e do processo de desenvolvimento (p. 19). No entanto, o que pode parecer em desajuste com “valores econômicos ocidentais podem de fato ser sábias estratégias de sobrevivências” (p. 48), confundindo o pensamento convencional. Segundo a autora, uma comunidade pobre tende a guiar-se muito mais pela noção de sobrevivência do que pelo objetivo do lucro (p. 49). Isto pode levar a um desencontro das concepções dominantes nas ciências sociais com a verdadeira realidade vivenciada. Pode levar mesmo a que determinados fenômenos sejam classificados como invisíveis, simplesmente por não encontrarem espaço nas teorias e categorias utilizadas pelos pesquisadores.

O trabalho de Irene Tinker parte de uma preocupação bem específica: “**what are poor women doing now to earn an income?**” (p. v). Para responder a essa pergunta - sobre o papel feminino na criação de renda dentro da unidade doméstica pobre -, a autora extrai resultados de uma pesquisa por ela coordenada em sete cidades de menor dimensão (“**provincial towns**”) da Ásia e da África: Ziguinchor (Senegal), Manikganj (Bangladesh), Bogor (Indonésia), Iloilo (Filipinas), Ile-Ife (Nigéria), Minia (Egito) e Chomburi (Tailândia). Nesse elenco selecionado de aglomerados urbanos - escolhidos por conveniência da pesquisa (apoio local, disponibilidade de recursos, etc.) -, o trabalho de campo foi conduzido entre 1982 e 1986, sob a égide do Equity Policy Center (EPOC). Escolheu-se o setor de atividades da venda de comida na rua (“**street food**”) por se tratar de um ramo dos mais visíveis da economia informal. Ademais, o papel do trabalho feminino aí é destacado, e a intenção do projeto era examinar como tal papel se define. Partindo, portanto, do estudo sobre comida de rua, a monografia aqui resenhada tem duplo propósito (p. 3): primeiro, utilizar dados da pesquisa e de outras investigações de nível micro para questionarem-se hipóteses teóricas acerca do setor informal em geral e da participação econômica da mulher em particular; e segundo, indicar como os *insights* teóricos correntes desafiam suposições feitas por planejadores do desenvolvimento e, dessa maneira, afetam o desenho de programas e projetos de mudança, especial-

mente aquelas relacionadas com a atividade econômica feminina, micro-empresas e ligações campo-cidade. A monografia divide-se em cinco partes, uma primeira, introdutória, explicando as coordenadas do projeto concebido no EPOC, seguida de quatro outras, em que se discutem questões teóricas e resultados empíricos. A primeira parte começa com uma afirmação, que dá o tom de toda a monografia:

“Comida de rua é um fenômeno ubíquo nos meios urbanos. Entretanto, tal como a maioria das atividades exteriores ao setor moderno, vender comida na rua tem sido considerado como forma de exploração ou desprezado como atividade tradicional pelos teóricos do desenvolvimento econômico. De acordo com esses paradigmas, a comida de rua iria desaparecer na sociedade do futuro. As autoridades municipais também consideram os vendedores ambulantes de comida, que congestionam áreas urbanas centrais com suas barracas feias e insalubres, como recordações do subdesenvolvimento. Não admira que essas pessoas do poder tenham freqüentemente se apressado em acelerar o passo da história efetuando periódicas varreduras para desobstruir as ruas” (p. 1).

A segunda parte do trabalho tem um título sugestivo, “Trabalhadores Invisíveis”, a invisibilidade, no caso, ficando por conta da exclusão do trabalho de venda de comida na rua da maioria dos cálculos da contabilidade nacional. Subjacente a tal exclusão encontram-se “hipóteses teóricas e culturais que afetam não somente o que é estudado, mas que questões são perguntadas e se, obviamente, respostas incorretas são aceitas” (p. 5). O trabalho feminino, sobretudo, não aparece nas estatísticas usuais, com conseqüências práticas e imediatas no que toca à programação do desenvolvimento. Irene Tinker refere-se a esforços para dar-se atenção à atividade das mulheres, inclusive considerando-se a produção doméstica como atividade econômica. É ressaltado o caráter crítico da renda gerada pela mulher nas estratégias de sobrevivência da família pobre. A terceira parte da monografia trata dos “Empresários Invisíveis”. Como diz Irene Tinker, o empreendedor tradicional, aquele que opera à margem da economia moderna, tende “a ser tão invisível para as estatísticas laborais como têm sido os trabalhadores de subsistência” (p. 18), sob a suposição de que seu ofício tenderia a desaparecer com o processo de modernização, absorvido pelas empresas comerciais especializadas, de grande escala. Durante muito tempo, “deixou-se para antropólogos [a tarefa de] estudar os mercados tradicionais ou documentar a produção domiciliar quer nas áreas rurais quer nas urbanas como parte de uma pitoresca mas evanescente cultura” (p. 18). A atenção dos economistas só foi focada nas atividades pré-modernas quando ficou dolorosamente patente que o emprego do setor dinâmico não podia absorver adequadamente a mão-de-obra que crescia a ritmo acelerado. É nesse contexto que surge a idéia do setor informal, sobre que Irene Tinker faz uma breve e competente análise, concluindo que a noção de limites entre formalidade e informalidade é uma demarcação da abstração intelectual, “of concern only to the scholar” (p. 50). O empresário ou o trabalhador invisível não reconhece tais limites. Uma e outra coisa integram-se no seu afã de sobreviver.

A quarta parte do ensaio diz respeito especificamente ao projeto de pesquisa de campo nas sete cidades africanas e asiáticas da amostra. Em todas elas, o trabalho de levantamento de dados junto a um grupo de produtores e vendedores de comida de rua foi precedido de um censo da atividade, motivo pelo qual traba-

lhou-se com cidades menores. A intenção do inquérito foi de documentar - "pela primeira vez", diz equivocadamente a autora, uma vez que tal procedimento foi adotado antes pelo ainda Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, em 1977-1978, em pesquisas realizadas em Fortaleza e Salvador<sup>1</sup> - tanto a demanda quanto a oferta dentro da atividade examinada, num esforço destinado ao "entendimento da realidade da vida, especialmente entre os pobres urbanos" (p. 52). Resultados empíricos são exibidos. Vê-se, por exemplo, que, para uma população urbana total de 998 mil pessoas nas sete cidades pesquisadas, existe um total (correspondentes à "alta estação") de 29,7 mil produtores/vendedores de comida de rua. A monografia traça o perfil dos empresários do setor por sexo, idade, status migratório, etc. Analisa as condições do comércio ambulante de alimentos. Fala da demanda de comida, examinando hábitos de consumo. Patenteia-se a importância do negócio tanto como renda quanto como suprimento de alimentação para o habitante pobre das áreas urbanas. Fica também evidenciada a magnitude do comércio em causa, com efeitos positivos a nível do setor público municipal. É salientada ainda a repressão de que têm sido vítimas trabalhadores e micro-empresários "invisíveis". A conclusão geral é de que "Os resultados do estudo de comida de rua ilustram a importância da pesquisa primária para descobrir-se como os pobres urbanos efetivamente sustentam a si próprios" (p. 68).

Finalmente, a quinta parte da monografia intitula-se: "Vendo o Mundo Real". Uma conclusão importante a que se chega aí é de que, para qualquer teoria nova do desenvolvimento, é básico "o reconhecimento de que outros valores existem além daqueles exaltados pelo motivo de lucro e pelo individualismo irrestrito" (p. 73). Segundo Irene Tinker, é comum entre os pobres urbanos encontrarem-se atitudes que visam mais os círculos de parentesco ou a comunidade do que os interesses do indivíduo, atitudes que podem ser classificadas mais de morais do que as que regem a busca mentalmente estreita de lucros ("the single-minded pursuit of profits"). Outro ponto salientado é o de que muitas indústrias do setor formal são altamente subsidiadas, em contraste com o tratamento normalmente severo atribuído às atividades pré-modernas.

Como fecho do longo artigo de Irene Tinker, adiciona-se extensa bibliografia utilizada na pesquisa. É uma relação de publicações que se faz acompanhar de comentários após a apresentação das referências usuais, na maioria dos casos. Para quem tem interesse em conhecer o material bibliográfico referente a essa área de investigação, trata-se de bibliografia utilíssima. Pena que não haja praticamente nada sobre o Brasil, onde é já vasta a literatura sobre o tema da monografia. De fato, entre as 314 obras listadas, apenas uma foi confeccionada no Brasil, com participação de autor brasileiro. Há três outras versando sobre o Brasil, mas produzidas nos Estados Unidos. Evidentemente, não se espera que um autor possa dominar a bibliografia mundial sobre seu assunto. Entretanto, a língua portuguesa é, sem dúvida, um

---

1 V. Clóvis Cavalcanti e Renato Duarte, *A Procura de Espaço na Economia Urbana: O Setor Informal de Fortaleza* (Recife, SUDENE-FUNDAJ-MT, 1980), e *idem*, *O Setor Informal de Salvador: Dimensões, Natureza, Significação* (Recife, SUDENE-FUNDAJ-MT, 1980). Uma versão sintética do estudo de Salvador apareceu em inglês: Clóvis Cavalcanti, "Employment, Production and Income Distribution in the Informal Urban Sector of the Northeast: The Case of Salvador, Bahia", *Luso-Brazilian Review* (v. 18, nº 1, Summer, 1981), pp. 139-154.

bloqueio para que as idéias aqui lançadas tenham maior audiência mundial. Independentemente desse compreensível senão, o trabalho de Irene Tinker é leitura recomendada para quem estuda trabalho feminino, atividades informais, estratégias de sobrevivência dos pobres.

**Clóvis Cavalcanti,**  
Economista, Pesquisador Social da  
Fundação Joaquim Nabuco